

POESIA MARGINAL DOS ANOS 1970: CHACAL SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE CULTURAL

MARGINAL POETRY OF THE 70'S: CHACAL UNDER THE PERSPECTIVE OF CULTURAL IDENTITY

Camila Del Tregio Esteves*

(Ela [a poesia] voltava para o lugar de onde nunca deveria ter saído: a boca e a vida das pessoas - Chacal)

RESUMO: Este trabalho se propõe estudar a poesia marginal, e a obra de Chacal em particular, como uma maneira de reconstrução de identidade cultural no contexto pós-colonial. Tratamos como literatura marginal aquela que engloba autores que não apenas têm dificuldades de publicação e encontram meios alternativos para saná-las, mas também autores cuja produção literária possui traços em comum. Buscamos pensar no poeta marginal como aquele que está em oposição ao meio cultural circundante, aquele que se produz, e produz, na articulação de diferenças culturais. Intentamos situar o “entre-lugar” da poesia marginal.

PALAVRAS-CHAVE: Chacal; Identidade Cultural; Poesia Marginal.

ABSTRACT: This work proposes to study the marginal poetry, and the oeuvre of Chacal in particular, as a manner of reconstruction of the cultural identity on post-colonial context. We treat as marginal literature the one that includes authors who not only have difficulties on publishing and find alternative means to solve them, but also authors whose literary production has traits in common. We search to think about the marginal poet as the one who is in opposition with the present cultural environment, the one who produces himself, and produces, with the cultural differences articulation. We intent to situate the “in-between” place of marginal poetry.

KEYWORDS: Chacal; Cultural Identity; Marginal Poetry.

* Camila Del Tregio Esteves. Mestranda. Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: camilesteves@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na perspectiva do multiculturalismo literário, Alves (2011) tece um panorama sobre a antropofagia na América Latina. Ela reflete sobre o conceito de Oswald de Andrade como marco para formulações teóricas elaboradas no âmbito da crítica latino-americana contemporânea, como as ideias de transculturação, hibridismo, intertextualidades e a redefinição do conceito de tradição; não mais vistas como uma fatalidade hereditária, mas como um conjunto de opções das quais nos apropriamos, atualizando-as com a leitura num processo de tradução.

A autora cita Bonnici, lembrando que

[o] pós-colonialismo conseguiu nos últimos cinquenta anos construir um arcabouço teórico e um conjunto de obras literárias consideráveis. Como não podia deixar de ser, a importação da teoria pós-colonial afetou também a América Latina e, consequentemente, o Brasil, a partir dos anos 70. Essa importação, todavia, realçou certos conceitos já debatidos como a antropofagia, a transculturação, o hibridismo, a marginalização, a hierarquização, as minorias excluídas, o transnacionalismo, a homogeneização, a alteridade, termos discutidos por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Silviano Santiago, Eduardo Galeano, Roberto Schwarz e outros, em diferentes vieses e por meio de matizes contrastantes (BONNICI, 2009, apud ALVES, 2011).

Alves enumera diversos movimentos artísticos surgidos no Brasil a partir da influência da antropofagia:

Da proposta de uma poética antropofágica resultaram produções e movimentos artísticos significativos no contexto da cultura brasileira a exemplo da Poesia Concreta, do Tropicalismo, do Cinema Novo, da Poesia Marginal de 1970, entre outros tantos exemplos que aqui poderiam ser citados para ilustrar estratégias que os povos colonizados têm buscado para reconstruir as identidades no domínio da produção inventada pelo colonizador (ALVES, 2011).

Assim se delineia nosso objeto de pesquisa: a obra de Chacal em meio ao movimento da Poesia Marginal da década de 1970, vista como uma possibilidade de reconstrução de identidade cultural.

Ricardo de Carvalho Duarte, ou Chacal, é poeta e letrista. Foi um dos expoentes da poesia marginal, e ainda hoje atua com a poesia de maneiras alternativas, sempre intencionalmente muito próximas do leitor.

Pensando nas questões de identidade e cultura contemporâneas, Bhabha (2007) afirma que houve um afastamento das singularidades de classe ou gênero como categorias conceituais e organizacionais básicas, e que isso resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação

de diferenças culturais. Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2007, p.20)

Assim, consideramos possível pensar no poeta marginal como aquele que está em oposição ao meio cultural circundante, aquele que se produz, e produz, na articulação de diferenças culturais.

Buscaremos situar o “entre-lugar” da poesia marginal, e em especial de Chacal, na elaboração de estratégias de subjetivação, ou de reconstrução de identidade.

CHACAL E A POESIA MARGINAL

O contexto brasileiro que possibilitou, ou culminou com o surgimento da poesia marginal foi marcado por dois fatos determinantes: a edição do AI-5 (Ato Institucional número 5) em 1968 - que radicalizou a censura no país, instaurada após o Golpe Militar de 1964, e do Decreto-lei 477 em 1969, que define e pune infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares; e a condição de submissão à lógica mercadológica das editoras, que além de terem como fim o lucro em detrimento do fomento à cultura, não comportavam o grande número de escritores iniciantes.

Os escritores que compunham este movimento, então, estavam totalmente

imersos na informalidade e na lógica do *do it yourself* (faça você mesmo), que viria a ser a máxima do movimento *punk* surgido no fim da década de 1970 (movimento este ideológico e estético). O próprio autor escrevia, se responsabilizava por fazer as cópias do trabalho e as distribuía, geralmente em recitais públicos onde lia/interpretava as poesias e tinha um contato direto com o leitor. Daí serem conhecidos também como “Geração mimeógrafo”. Havia um vínculo entre a poesia marginal e o movimento estudantil, na medida em que ambos se constituíam, naquele momento histórico, como movimentos de combate político – “rodar panfleto e rodar poesia num mimeógrafo é quase o mesmo ato político” (CHACAL, 2013).

Antônio Carlos Ferreira de Brito, o Casaco, professor universitário, crítico literário, letrista e poeta, em entrevista concedida ao jornal Movimento em 1976 (em meio, portanto, à ocorrência do movimento), explanou sobre a literatura marginal:

Pelas controvertidas formas com que se define o que seja ‘marginalidade’ em literatura, sobretudo na área da poesia, logo se vê que apesar de empregarem o mesmo termo as pessoas não estão falando da mesma coisa. O mais comum é chamar de ‘marginal’ o autor que, barrado nas editoras, acaba editando e até distribuindo por conta própria, com recursos próprios [...] O número de escritores e poetas cresce entre nós numa velocidade muito maior do que o número de vagas tolerado por nosso restrito e restritivo sistema editorial, e dessa marginalização por não-absorção resulta em uma espécie de transbordamento,

surge um circuito cultural paralelo, com características que ainda estão em processo de definição, e que tende a crescer (BRITO, 1997, p.12-13).

E segue oferecendo uma ideia do que seria a sua visão sobre uma literatura que pode ser chamada marginal:

[...] No meio disso tudo há um fenômeno especial: a produção poética que além da marginalidade institucional, comum a quase toda produção literária recente, ainda vai exprimir essa marginalidade em termos propriamente literários e de visão, o que em si mesmo não é valorativo. Pra se entender essa literatura, suas diferenças, a ideia de vida que quer exprimir, os procedimentos estéticos de que se vale, os veículos a que recorre, e mesmo seu interesse, acho conveniente aprofundar o que significou pra vida cultural brasileira o período posterior a fins de 68, 69, os novos condicionamentos, o massacre e desorganização do movimento estudantil, o controle das informações, a despolitização gradativa e segura das paixões e das ambições, as novas formas de rebeldia que nasceram, que se manifestaram e se manifestam no plano da cultura literária (BRITO, 1997, p.13).

Ou seja, o que estamos tratando como literatura marginal engloba autores que não apenas tinham dificuldades de publicação e encontravam meios alternativos para saná-las, mas também sua produção literária possuía traços em comum. É uma literatura de resistência, tanto cultural quanto política, que se opõe ao estabelecido. É resistência cultural na medida em que se contrapõe

ao cânone literário; e é política pois resiste à opressão vivida no país no contexto da ditadura militar.

Em um ensaio, Cacasos nos mostra mais sobre o contexto da poesia marginal:

[...] cria-se uma situação nova entre nós, onde se aprofunda o conflito entre valores e comportamentos representativos do mundo oficial e aqueles gerados relativamente fora e mesmo em contraposição à sua área de influência e controle, *marginais* em relação a ela [...] A ideologia da contestação, capaz de assumir as formas mais variadas e contraditórias, alcança plena vigência e se estabelece em nossa vida cultural. É dentro desse espaço cultural e social, sucintamente esboçado e resistindo como pode às marés contrárias, que vai nascer e proliferar uma poesia que poderia ser chamada, digamos, *marginal*, denominação que procura abarcar tanto os pressupostos materiais e institucionais de sua existência, como também aqueles efeitos que serão sistematizados no plano independente da linguagem (BRITO, 1997, p.23-24).

A linguagem é fundamental na caracterização da poesia de Chacal, que faz um uso muito peculiar da mesma, como veremos adiante. Trata-se de um escritor cuja atitude visa aproximar a poesia da vida, tanto em sua forma, como temática e divulgação. Suas publicações incluem: *Muito Prazer* (1971), *Preço da passagem* (1972), *América* (1975), *Quampérius* (1977), *Cara a cores: Olhos vermelhos, Nariz aniz e Boca roxa* (Trilogia – 1979), *Drops de abril* (1983), *Comício de tudo* (1986), *Letra elétrica* (1994), *A vida é curta pra*

ser pequena (2002), e *Belvedere* (2007). Atualmente, o autor continua escrevendo e declamando suas poesias em espaços públicos.

De *Cacaso* também buscamos uma fonte de esclarecimento a respeito da poesia de Chacal:

[...] na poesia de Chacal, quem dignifica o homem não é o trabalho mas o lazer; como a vida não está para brincadeira vai daí que esse lazer exige um esforço permanente de resistência, e num duplo sentido: a luta para não ser absorvido e devorado por uma ordem social da qual desconfia na raiz, autoritária e castradora, e ainda o esforço para sobreviver à margem dela, nas brechas, transando todas. Uma poesia cujo ideal é recortado pela negação dos valores mais diletos do reconhecimento burguês: anel de grau, hipocrisia, paletó e gravata, carreirismo, eficiência, prepotência, dinheiro no banco etc (BRITO, 1997, p.35).

Em entrevista a Rogério Skylab que foi ao ar em 09 de julho de 2013, Chacal (CHACAL, 2013) afirma que um de seus poemas preferidos é “Uma palavra”. Por este motivo, considerando ser este um estudo de identidade, e por tratar-se de um poema que problematiza a linguagem e a condição da impossibilidade de livre expressão, é o que selecionamos para ilustrar nosso trabalho:

uma
palavra
escrita é uma
palavra não dita é uma
palavra maldita é uma palavra
gravada como gravata que é uma palavra

gaiata como goiaba que é uma palavra gostosa (CHACAL, 2007, p.312).

Percebemos no poema o jogo com as palavras, o uso da sonoridade, da forma não-convencional – o que chamamos palavra-chama-palavra. Notamos, sobretudo, o tom irônico e o humor – característicos da obra de Chacal, na adjetivação da palavra como maldita, na comparação com “gravata” (palavra que parece ser retirada do mundo no qual o poeta marginal se recusa a habitar) e “goiaba” (que lembra o prazer, a diversão, o lazer). Como temática, o cerceamento do direito de uso da palavra: a “palavra não dita”, “maldita”.

O próprio Chacal, sobre a poesia marginal: “E ali a poesia mostrou que podia também se libertar do livro e estabelecer contato direto entre o poeta e o ouvinte, como já faziam os gregos, os índios, os griots africanos, os cantadores de feira, os menestréis” (CHACAL, 2010, p.61); “[...] aquela nova poesia de corte rápido, urbana, corporal, em diálogo informal com a tradição, aberta para vozes alheias, para *insights zen*, para o olho da rua e a fala da cidade” (CHACAL, 2010, p.65); “A poesia conseguia escapar das torres onde meia dúzia de iniciados a teimam em aprisionar e desfilava linda, leve e solta pelas avenidas, com seu carnaval rutilante” (CHACAL, 2010, p.65).

Nestes trechos, notamos questões importantes para a configuração da poesia marginal: o vínculo muito próximo e direto entre o poeta e o leitor; a intertextualidade, ou a antropofagia, como vimos anteriormente; a reprodução da fala das pessoas; o distanciamento do cânone literário e da

academia; a noção de indissolubilidade entre poesia e vida.

A IDENTIDADE CULTURAL

Bhabha é um teórico importante no que concerne às discussões sobre cultura e pós-colonialismo, e nos auxilia a pensar a noção de identidade que buscamos:

Uso estes retratos pós-coloniais [poema de Adil Jussawalla, de Bombaim, sobre a pessoa desaparecida que assombra a identidade da burguesia pós-colonial; o eco da voz deste poema nos versos de uma mulher negra descendente de escravos que escreve sobre a diáspora; e uma tentativa de Edward Said de historicizar seu caos de identidade] porque eles convergem no ponto de fuga de duas tradições familiares do discurso da identidade: a tradição filosófica da identidade como processo de auto-reflexão no espelho da natureza (humana) e a visão antropológica da diferença da identidade humana enquanto localizada na divisão Natureza/Cultura. No texto pós-colonial, o problema da identidade retorna como um questionamento persistente do enquadramento, do espaço da representação, onde a imagem – pessoa desaparecida, olho invisível, estereótipo oriental – é confrontada por sua diferença, seu Outro (BHABHA, 2007, p.79).

O Brasil também se encontra neste contexto pós-colonial. Não se trata da relação direta com os últimos impérios - Inglaterra, França e Estados Unidos, mas de uma colonização anterior, que dividia o “novo

mundo” entre Portugal e Espanha; além do que, ainda que não tenha sido efetivamente uma colônia daqueles grandes impérios citados, também sofreu influência dos mesmos. O país foi colonizado, e, ao longo da história, encontramos grupos que buscaram a reconstrução de uma identidade, alguns deles citados anteriormente por Alves (2011).

Partindo da proposição de Bhabha de que, neste contexto, o problema da identidade retorna como um questionamento do enquadramento, do espaço da representação, onde a imagem é confrontada por sua diferença, tomamos os poetas marginais como um grupo que buscava seu espaço de representação a partir de sua oposição ao meio cultural e sociopolítico vigente. Em relação ao meio cultural, falamos em especial do meio literário, cuja vigência abarcava o que podemos chamar de “alta literatura” e da literatura que gerava lucro.

Os estudos culturais contemporâneos, segundo Bhabha (2007), têm uma posição enunciativa complexa e problemática, que tenta

Institucionalizar uma série de discursos transgressores cujas estratégias são elaboradas em torno de lugares de representação não-equivalentes onde uma história de discriminação e representação equivocada é comum entre, por exemplo, mulheres, negros, homossexuais e migrantes do Terceiro Mundo. No entanto, os ‘signos’ que constroem essas histórias e identidades – gênero, raça, homofobia, diáspora pós-guerra, refugiados, a divisão internacional

do trabalho, e assim por diante – não apenas diferem em conteúdo mas muitas vezes produzem sistemas incompatíveis de significação e envolvem formas distintas de subjetividade social (BHABHA, 2007, p.245-246).

Ou seja, Bhabha afirma que há uma coexistência de diversos grupos à margem do centro (por exemplo: mulheres, negros, migrantes, etc), e que todos eles são tomados como similares na institucionalização de seus discursos, entretanto, cada um deles difere dos outros, e produz distintas formas de subjetividades sociais - portanto, distintas identidades. Tomamos os poetas marginais como um destes grupos, e que se autoproduzem na sua relação com o meio excludente.

Assim, para se obter um imaginário social baseado na articulação de momentos diversos da história e da cultura, a crítica contemporânea apelou para a metáfora da linguagem – a indeterminação do signo, a cisão do sujeito da enunciação, produziram as descrições mais úteis da formação de sujeitos culturais pós-modernos (BHABHA, 2007).

Neste sentido, Bhabha discute a diferença cultural e a identidade:

A metáfora da 'linguagem' traz à tona a questão da diferença e da incomensurabilidade culturais, não a noção etnocêntrica, consensual, da existência pluralista da diversidade cultural. Ela representa a temporalidade do significado cultural como 'multi-acentuada', 'rearticulada discursivamente'. É um tempo do signo cultural que desesta-

biliza a ética liberal da tolerância e a moldura pluralista do multiculturalismo. Cada vez mais, o tema da diferença cultural emerge em momentos de crise social, e as questões de identidade que ele traz à tona são agonísticas; a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade ou em uma tentativa de ganhar o centro: em ambos os sentidos, ex-cêntrica (BHABHA, 2007, p.247).

Em meio ao multiculturalismo, não existiria, então, a ideia de convivência pacífica e tolerante entre os diferentes. Cada grupo sociocultural emergiria em uma disputa com os outros com o fim de fazer chegar ao centro a sua identidade, de fazer valer suas opiniões.

Retomando o conceito de entre-lugar de Bhabha citado na introdução, como aquele produzido na articulação de diferenças culturais, e que fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação que iniciam novas identidades e novos postos de contestação, entendemos a poesia marginal não apenas como um entre-lugar sociocultural e político, mas ainda como um entre-lugar de linguagem. Tomemos o poema "Papo de índio" de Chacal para melhor visualizar esta ideia:

veio uns ômi di saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui eles disserum qui si chamava açucri
aí eles falarum e nós fechamu a cara
depois eles arrepitirrum e nós fechamu o corpo
aí eles insistirum e nós comemu eles
(CHACAL, 2007, p.361).

Encontramos no poema uma deformação total da linguagem padrão. A própria linguagem é tomada como um elemento de insujeição, característica vital da poesia marginal. Há uma oralização extrema, pois não apenas se insere a oralidade na escrita, mas o próprio texto é escrito para ser falado, ou declamado. Consideramos o entre-lugar de linguagem justamente nesta deformação.

Ainda, é importante notar no poema o tema da antropofagia, que citamos anteriormente – aqui a antropofagia é literal e literária.

Como vimos na fala de Cacaso, havia toda uma forma de vida defendida e almejada pelos poetas marginais, pautada na ideologia da contestação.

Vejamos as contribuições de Hall, cuja concepção de identidade

[...] *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tampouco se refere, se pensarmos agora na questão da identidade cultural, àquele ‘eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum’ [Hall, 1990]. Ou seja, um coletivo capaz de estabilizar, fixar e garantir o pertencimento cultural ou uma ‘unidade’ imutável que se sobrepõe a todas as

diferenças – supostamente superficiais (HALL, 2000, p.108).

O que quer dizer que não há nenhuma garantia de estabilidade identitária, nem se tratando do eu individual, nem de um coletivo que garantiria um pertencimento cultural ou unidade. Hall reafirma o caráter transitório das identidades. Assim, podemos analisar o surgimento da poesia marginal como uma construção de identidade que não se pretendia pronta, acabada, nem fechada em si mesma.

Hall (2000) vincula a discussão sobre identidade aos processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente estabelecido de muitas populações e culturas, quais sejam: os processos de globalização, que coincidem com a modernidade; e os processos de migração que têm se tornado um fenômeno global do chamado mundo pós-colonial. Ainda, diz que as identidades concernem

[...] a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem somos nós’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2000, p.109).

A ideia é que todos os grupos marginalizados no mundo moderno e pós-colonial buscam uma maneira de serem representa-

dos perante os outros, e de representarem a si mesmos.

Hall argumenta que a identidade se funda no discurso, através da diferença em relação ao outro:

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta [...] que o significado ‘positivo’ de qualquer termo [...] pode ser construído [...] As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em ‘exterior’, em abjeto (HALL, 2000, p.110).

Aqui, temos uma ideia semelhante ao que expomos sobre Bhabha, de que a identidade se constrói a partir da diferença. No caso dos poetas marginais, da diferença em relação ao que estava estabelecido na literatura e da diferença concernente ao momento político.

Exemplificando um regime cultural que vive através da diferença, Escoteski cita Hall:

Assumindo que o reconhecimento da diversidade cultural é imperativo na contemporaneidade, Hall sinaliza que o grande risco surge de formas de identidade cultural e nacional que tentam firmar-se adotando versões ‘fechadas’ de cultura e pela recusa a engajar-se na problemática de viver

com a diferença. Por essa razão, enfaticamente propõe posicionar-se ‘nas margens’ para a partir desse lugar reconhecer um modo de existência que não se deixa classificar como simplesmente de assimilação cultural (HALL, 1991 apud ESCOTESKI, 2001, p.48).

A autora afirma que é a partir desse espaço, então, que pode também ser identificado como o âmbito do local, que “passam a aparecer novas representações, novos sujeitos que mediante diferentes embates, alcançam meios de falarem por si mesmos” (ESCOTESKI, 2001, p.148). Assim, ela diz que ao mesmo tempo em que temos a força da homogeneização e absorção (características da globalização e consequente cultura de massa global), temos a pluralidade e a diversidade, formas locais de oposição e resistência. Podemos considerar os poetas marginais como pertencentes ao que ela chama de âmbito local, e que a partir daí podem fazer ouvir a sua voz.

Ainda seguindo a teorização de Hall, Escoteski oferece outras contribuições sobre a identidade na contemporaneidade, como: “[...] a identidade é um espaço onde um conjunto de novos discursos teóricos se interseccionam e onde um novo grupo de práticas culturais emerge” (ESCOTESKI, 2001, p.150).

No caso que pesquisamos, os poetas marginais, em especial Chacal, encontramos esta construção de um novo discurso, perpassado por diversos outros discursos, que propõe a emergência de novas práticas culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os teóricos citados tratam da questão da identidade marginal em um contexto de etnicidade, no entanto, podemos pensá-la também em relação ao estranho em meio a uma nação no sentido de não enquadramento ao sistema cultural vigente, não por pertencimento a uma outra etnia, mas pela busca de expressão que foge ao centro, ao que está posto como padrão. Assim, enquadrados os poetas estudados nesta categoria de identidade cultural marginal.

A obra de Chacal aponta para a construção de um modo de vida e de fazer artístico, intrinsecamente vinculados, que fogem ao padrão consolidado na sociedade brasileira dos anos 1970. Seu objetivo é harmonizar a experiência e a linguagem.

Consideramos esta construção como a de uma identidade cultural, que se dá a partir da diferença e de maneira conflituosa. O cerne do forjamento desta identidade cultural está na ideia de contestação.

Sobre seu próprio sentimento de pertença, Chacal diz:

[...] sempre fui impertinente. Nunca pertenci a lugar nenhum. Venho da fronteira, como meu pai, nascido em Pinheiro Machado, na divisa com o Uruguai. Para o mundo acadêmico, sou um poeta descartável, de poucos recursos e baixo repertório. Para o mundo pop, um poeta, um intelectual, um crânio. E todos têm razão. Menos eu [...] (CHACAL, 2010, p.135).

Vemos neste trecho o entre-lugar da poesia marginal. Como vimos na introdução deste trabalho, este conceito de entre-

-lugar de Bhabha fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que geram novos signos de identidade e locais inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir um conceito particular de sociedade. Retomamos a noção de poesia marginal como um entre-lugar sociocultural, político e de linguagem.

A identidade cultural forjada pela poesia marginal em seu entre-lugar se opõe, como dissemos, ao meio literário consolidado e ao meio político opressor. Ela se dá pela busca de uma nova forma de arte, vinculada a uma nova forma de colocar-se na vida, através de uma subversão no uso da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. K. Multiculturalismo literário e a antropofagia Latino-americana. In: BONNICI, T. (org). **Multiculturalismo e diferença**. Maringá: EDUEM, 2011.
- BHABHA, H. Interrogando a identidade: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUEM, 2007, pp. 70-104.
- _____. Locais da cultura. In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUEM, 2007, pp. 19-42.
- _____. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUEM, 2007, pp. 239-273.
- BRITO, A. C. F. de. **Não quero prosa/** Cacaso; organização e seleção: Vilma Áreas. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

CHACAL. **Belvedere**. São Paulo: Cosacnaify.
Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. **Matador de Passarinho**.
Disponível em: <<http://canalbrasil.globo.com/programas/matador-de-passarinho/videos/2694051.html>>. Acesso em: 19 ago 2013.

_____. **Uma história à margem**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

ESCOTESKI, A. C. Identidades culturais: uma discussão em andamento. In: _____. **Cartografias dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autentica, 2001, pp. 139-185.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. pp. 103-133.

Recebido para publicação em 6 de jun. de 2014.

Aceito para publicação em 12 de maio 2015.